

opci3n

Revista de Antropologfa, Ciencias de la Comunicaci3n y de la Informaci3n, Filosoffa,
Lingfistica y Semf3tica, Problemas del Desarrollo, la Ciencia y la Tecnologfa

Afio 34, diciembre 2018 N°

87

Revista de Ciencias Humanas y Sociales

ISSN 1012-1537/ ISSNe: 2477-9385

Dep3sito Legal pp 198402ZU45



Universidad del Zulia
Facultad Experimental de Ciencias
Departamento de Ciencias Humanas
Maracaibo - Venezuela

A construção mítica do povo venezuelano no Chavismo. Análise do livro *Nuestra lucha por la independencia*

Carlos Cariacás

Universidade Federal do Amapá – Brasil
Colegiado de Filosofia do Campus de Santana
carolussanctorum@yahoo.com.br

Resumo

No artigo se analisa a construção mítica do povo venezuelano elaborada pelo chavismo e divulgada no livro *Nuestra Lucha por la Independencia*. Sustentando-se em ELIADE (1981; 1991) a investigação se orienta para a apresentação do jogo entre o caos e o cosmos desenvolvida na narrativa. Ademais, apoia-se na observação de BARTHES (1999) sobre o movimento interno do mito em produzir o obscurecimento de determinados pontos que não pertence ao ideal proposto pelo narrador. Na perspectiva metodológica se utiliza a análise de conteúdo de BARDIN (2011). Com relação aos resultados, encontramos a construção de quatro categorias para definir o povo: economista sustentável, racional, multiétnico e socialista. Estas categorias são tecidas para gerar uma identidade nacional segundo as intenções da Revolução Bolivariana de Hugo Chávez.

Palavras-chave: mito, povo, chavismo, identidade, nacionalismo.

The mythical construction of the Venezuelan people in Chavismo. Analysis of the work *Our struggle for independence*

Abstract

The article analyzes the mythical construction of the Venezuelan people elaborated by Chavismo and published in the book *Our Struggle for Independence*. Holding on to ELIADE (1981; 1991) the research is oriented towards the presentation of the game between chaos and the cosmos developed in the narrative. In addition, it is based on the observation of BARTHES (1999) about the internal movement of the myth in producing the obscuration of certain points that do not belong to the ideal proposed by the narrator. In the methodological perspective, the content analysis of BARDIN (2011) is used. In relation to the results we find the construction of four categories to define the people that structure the narrative: sustainable, rational, multiethnic and socialist economist. These categories are woven to generate a national identity according to the intentions of the Bolivarian Revolution of Hugo Chávez.

Key words: myth, people, chavism, identity, nationalism.

La construcción mítica del pueblo venezolano en el Chavismo. Análisis de la obra *Nuestra lucha por la independencia*

Resumen

En el artículo se analiza la construcción mítica del pueblo venezolano elaborada por el chavismo y divulgada en el libro *Nuestra Lucha por la Independencia*. Sosteniéndose en ELIADE (1981; 1991) la investigación se orienta hacia la presentación del juego entre el caos y el cosmos desarrollado en la narrativa. Además, se apoya en la observación de BARTHES (1999) sobre el movimiento interno del mito en producir el oscurecimiento de determinados puntos que no pertenecen al ideal propuesto por el narrador. En la perspectiva metodológica se utiliza el análisis de contenido de BARDIN (2011). Con relación a los resultados encontramos la construcción de cuatro categorías para definir al pueblo que estructuran la narrativa: economista sustentable, racional, multiétnico y socialista. Estas categorías se tejen para generar una identidad nacional según las intenciones de la Revolución Bolivariana de Hugo Chávez.

Palabras clave: mito, pueblo, chavismo, identidad, nacionalismo.

1. INTRODUÇÃO

Quando os políticos chegam ao poder, geralmente, eles se preocupam em construir um arsenal teórico para dar sustentação a sua plataforma de comando. Neste sentido, eles buscam apoio em intelectuais, nas instituições civis e religiosas que partilham de suas perspectivas, afixando-se em outras forças políticas além do seu reduto de domínio e, sobretudo, com o povo (MAQUIAVEL, 1992). Essas pessoas, de certa forma, necessitam produzir uma gestão simbólica com a finalidade de manter o que foi conquistado (BOURDIEU, 1989). Nessa perspectiva, a chamada Revolução Bolivariana de Hugo Chávez Frías (1999- 2013) na Venezuela está circunscrita nessa conjuntura de fatores. De modo que, ao longo do seu governo, Chávez se acercou do povo e elaborou discursos e práticas para garantir o exercício do poder (MAYA, 2010). Neste contexto, o Ministério do Poder Popular para a Comunicação e a Informação (MINCI) produziu séries de livros, tanto no âmbito acadêmico quanto de caráter popular. Estas obras foram entregues a população por preço módico ou mesmo gratuitamente. Nesses livros, pode-se ler a linha ideológica do governo chavista. Dentre eles encontramos um pequeno livro intitulado *Nuestra Lucha por la Independencia* (MINCI, 2012), no qual se observa a construção mítica da ideia de povo mediante projeções de sentidos sobre o que vem a ser o venezuelano. Assim, baseado nesta leitura, este trabalho analisará quais são as características do povo venezuelano manifestadas na narrativa de *Nuestra Lucha por la independencia* (NLI).

Passemos, então, ao termo *povo*, que se refere tanto ao sujeito político constitutivo como aos despossuídos e deserdados pelas forças do Estado. Sobretudo, esta palavra carrega a ideia de oposição entre ricos e pobres. De modo que contém em seu interior uma fratura biopolítica manifesta desde a antiguidade na qual os velhos romanos distinguia entre o *populum* e *plebe*. No medievo se fazia a distinção entre povo magro e povo gordo, até chegar a Revolução Francesa quando o povo se converte em uma embaraçosa presença a ponto de questionar a miséria que passa a ser um escândalo. Indubitavelmente, hoje a fratura está exposta e o esforço para uniformizar a ideia povo é algo cotidiano, apesar das lutas entre direita e esquerda, entre capitalismo e socialismo testemunharem que a cisão biopolítica é permanente (AGAMBEN, 2014).

Além disso, há tempos, agrupamentos buscam explicar simbolicamente sua identidade, mediante a ideia de povo. Ora, a identidade nacional é um conceito gerado no século XIX que está relacionado com a identidade cultural. Não obstante, a construção de uma narrativa cultural nacional é algo de difícil alcance quando se pensa, por exemplo, em países marcados por diversidades étnicas, religiosas e culturais. Historicamente, a Venezuela fez um esforço para impor elementos unificadores para respaldar a unidade nacional e, nessa trajetória, o país não levou em consideração a diversidade. A pesquisa de PUENTES (2004:2) expõe essa desarmonia:

El estado moderno en Venezuela construyó una identidad que servía para homogeneizar y aglutinar todo un territorio bajo

unos parámetros convenientes para la élite en el poder. Es entonces cuando se apela a un pasado en común, a una historia y tradiciones compartidas y, además, a la existencia de una lengua unificadora. Pero esa historia tan solo se remonta hasta la independencia, dando toda una experiencia simbólica que permite expresar unos mitos patrios o heroicos. La Independencia y Bolívar se transformaron en los mitos de origen de la nacionalidad venezolana, mitos que costaron en afianzarse en el siglo XIX por la diversidad cultural y la dinámica socio-económica de las distintas regiones. Es por ello que Chartier plantea que "enfrentamos un problema más profundo y acaso más difícil: la fabricación de mitos históricos destinados a construir y/o consolidar identidades".

De maneira que, a construção da identidade passa por um esforço narrativo, ou melhor, mítico. Conforme nos explica ELIADE (1991:11):

El mito cuenta una historia sagrada; él relata un acontecimiento ocurrido en el tiempo primordial, el tiempo fabuloso del "principio". En otros términos, el mito narra cómo, gracias a las hazañas de los Entes Sobrenaturales, una realidad pasó a existir, sea una realidad total, el Cosmo, o apenas un fragmento: una isla, una especie vegetal, un comportamiento humano, una institución.

O humano é um ser mítico porque faz da linguagem a sua morada, como bem ensina a Filosofia. De modo que sua estadia sob a custódia da palavra o impulsiona a construir e a refazer os mitos. Estes não são objetos mumificados de tempos remotos, visto que a sua estrutura pode ser pensada segundo as condições simbólicas que a humanidade gera no transcurso da história. Conforme aponta QUINTERO (2009), na dimensão antropológica o mito está muito

distante da ingenuidade narrativa, uma vez que, ela incorpora a interpretação dos problemas que a sociedade gera e se constitui em sustento das crenças sociais.

Desde o século XIX o mito passou a ser estudado por diversas áreas acadêmicas arrojando novas luzes sobre o seu processo interpretativo. No século XX os estudos foram consolidados; dentre esses destacam-se os de FREUD (1992), ao analisar os mecanismos psíquicos da mente, e de HINKELAMMERT (1991; 2008), com a investigação sobre a atualização do mito do sacrifício humano no capitalismo ou quando aborda a crítica da razão mítica. Ao focar a questão do mito e da identidade, encontramos a pesquisa de LEAL (2012) que trata da narrativa mítica do povo do sul do Brasil e a sua constituição identitária; também BATISTONE e SILVA (2014) que, a partir da semiótica, realizam um panorama do perfil identitário do povo pantaneiro. Por outra parte, MONFADINI (2005) penetra nas relações entre o mito e a literatura; temática de interesse desta investigação visto os nexos que estabelecemos entre mito e divulgação de narrativas populares.

2. METODOLOGIA

Cada texto possui uma construção particular; de modo que exige do investigador sondar o seu repertório de ideias. Nesse sentido, se faz necessário rastrear os pontos através dos quais se podem extrair categorias para analisar o conteúdo.

Tendo isso em vista, este trabalho se apoia no método de *Análise de Conteúdo* proposto por BARDIN (2011) que segue as seguintes etapas: a pré-análise, a exploração do material e a interpretação. Na pré-análise do texto buscou-se sistematizar o conteúdo observado, mediante a leitura geral da obra, momento no qual o pesquisador intui o problema. No segundo passo, concernente a análise do material (BARDIN, 2011), se agrupou os termos recorrentes, gerando unidades de sentidos ou categorias que descrevem o perfil de povo plasmado no texto; rastreando em que capítulos aparecem mais, como aparecem, se uma categoria se relaciona com a outra e de que forma. A terceira etapa alude a interpretação dos dados mediante as referências teóricas que mais se aproximam das temáticas geradas pelas unidades de sentidos ou categorias (BARDIN, 2011). O processo de interpretação dos dados se deu recorrendo aos elementos míticos à luz de ELIADE (1978; 1999) e as produções acadêmicas sobre a temática desenvolvidas por pesquisadores latino-americanos.

Assim, a partir de ELIADE (1981; 1991) se encontrou os elementos do cosmos e do caos como o principal eixo condutor da narrativa do mito. Por outro lado, no concernente as categorias (BARDIN, 2011) para identificar o povo, se levantaram as seguintes: a economia sustentável, o multiétnico, a racionalidade e o socialismo.

ELIADE (1991:11) anexa o mito ao sagrado, quando ele afirma “«Vivir» los mitos implica, pues, una experiencia verdaderamente «religiosa», puesto que se distingue de la experiencia ordinaria, de la vida cotidiana”. Sem embargo, Eliade aponta para Bronislaw

Malinowski que afirma que o mito responde a uma necessidade religiosa, mas também aos imperativos sociais, morais e de ordem prática. De modo que o mito é uma realidade que transcende a esfera do especificamente religioso, conforme demonstra HINKELAMMERT (1991; 2008) ao atualizá-lo para analisar questões seculares.

Isto posto, se percebe que NLI está incluído nesse movimento que se constituiu em uma narrativa não religiosa. ELIADE (1991:11) apresenta notas características da estrutura e do funcionamento do mito que, por sua vez, as reformulamos de maneira secular, e esta se traduz da seguinte forma: 1º. O mito é a narrativa dos atos humanos em sentido simbólico coletivo; 2º. É uma verdade situada porque conta a versão de um grupo sobre a sua história; 3ª. O mito se refere a criação de algo e é paradigma para pensar o que é criado; 4. A narrativa permite que se conheça a realidade e, desta maneira, ensina uma forma de manipular o conhecimento; 5. O mito é uma realidade vivente, quer dizer, se atualiza pela exaltação de sua memorização e reatualização. É por essa via secular que esta pesquisa se guiará.

Ademais, esse processo de interpretação secular é feito também por BARTHES ao estender a estrutura mítica às novas e contínuas mutações do mito. Barthes (1999) afirma que o mito: 1º. É uma fala, quer dizer, um sistema de comunicação e que como tal quer transmitir uma mensagem; 2º. É possuidor de um sistema semiológico no qual se encontra o sistema tridimensional significante, significado e signo; 3ª. É repleto de sentido sensorial, quer dizer, tem a ver com a capacidade

das pessoas em projetar seus questionamentos, seus sentidos históricos e valores próprios.

Por outro lado, há que se fazer notar: todo mito esconde as contradições, uma vez que o narrador tem posicionamentos ideológicos próprios. Estes se manifestarão no momento em que construiu a narrativa que será marcada pela lógica binária do bem e do mal. Assim, o que ele considera como oposição a idealização do seu mundo será representado como portador do mal. Desta forma, a oposição aos ideais do narrador acaba sendo contestada ou obscurecida no mito. Segundo BARTHES (1999:129), o mito desenvolve uma economia na qual, se “organiza un mundo sin contradicciones puesto que no tiene profundidad, un mundo desplegado en la evidencia, funda una claridad feliz: las cosas parecen significar por sí misma”. Como é tarefa do pesquisador revelar as possíveis omissões do narrador com vista a proporcionar um panorama além dos propósitos evidenciados na narração, se demonstrará algumas discrepâncias ao longo deste artigo.

3. RESULTADOS

A obra NLI está organizada em capítulos com subtítulos breves, estes têm de duas a quatro páginas. É de conteúdo didático e foi distribuído gratuitamente com vistas à formação popular segundo os ideais da Revolução. A linguagem é acessível e é acompanhada por desenhos muito expressivos, nos quais a força, a coragem e o sofrimento dos explorados pela coroa espanhola ou pelo capitalismo

são reforçados. Para esta pesquisa se dividiu o livro em três momentos: antes da chegada dos espanhóis, durante o período colonial e capitalista e, finalmente, com a implantação da Revolução.

A narrativa começa com um título *La vida antes de la devastación* que aborda as condições existenciais dos nativos antes da chegada dos espanhóis. O capítulo apresenta um cenário de coexistência entre diferentes povos no espaço que hoje se chama Venezuela: "Numerosas etnias de orígenes diversos coexistieron en selvas, montañas y llanuras irrigadas por ríos caudalosos. La característica principal de todas ellas era su estrecha relación con la naturaleza (MINCI, 2012:7).

Esta relação com a natureza relatada no terceiro parágrafo do texto continua nos dois subtítulos seguintes: *Orígenes de una economía sostenible* y *Cultura y simbiosis con la madre tierra*. Essa conjuntura de idéias esboça a primeira categoria do mito: que as pessoas, em sua origem, são marcadas por uma economia sustentável; e isto se testemunha por meio dos fragmentos:

[...] había comunidades nómadas, cazadores de dantas y manatíes y había agricultores sedentarios [...] también había recolectores de conchas marinas y pescadores [...] Mientras unos adecuaban el terreno montañoso a la agricultura construyendo terrazas, otros edificaban muros de piedra en los valles para ordenar los sembradíos (MINCI, 2012:9-10).

La simbiosis con la naturaleza se traducía también en una gran variedad de viviendas, disponibilidad del hábitat inmediato

(ninguno de los aborígenes de esas tierras solía traer materiales de regiones lejanas para edificar el fabricar sus instrumentos). [...] Nadie confeccionaba más de lo que requería la comunidad (MINCI, 2012:11-13).

O segundo momento da narrativa está estruturado da seguinte maneira: chegada dos espanhóis e recepção acolhedora dos nativos; abusos cometidos pelos invasores e resistência dos povos indígenas; exploração capitalista e luta contra o sistema. Alude-se no capítulo *Cristóbal Colón y su "descubrimiento"* que os povos nativos eram ingênuos e solidários; e quanto ao encontro com os espanhóis se afirma no texto que eles

No conocían ese tipo de embarcaciones ni sabían que su tripulación estaba compuesta por salvajes, conquistadores sedientos de oro, de perlas preciosas y todo tipo de riquezas, que solían engrillar a la gente para obligarlos a trabajar por ellos (MINCI, 2012:19) [...] Cuando la embarcación se aproximó a la costa, salieron los hombres en canoas a recibirlos [...] con frutas, tortas de maíz y distintas ofrendas dignas de tan exóticos visitantes (MINCI, 2012:20).

Deste modo, a chegada dos espanhóis é definida como o estabelecimento do caos marcado pela implantação da economia exploradora que fez sucumbir a vida cósmica dos antigos habitantes. No entanto, a instalação do caos promove a união de forças, uma vez que os nativos instituem a resistência. "Cansados de la violencia de los invasores, dejaron de recibirlos con las puertas abiertas y se organizaron para proteger a sus mujeres, su tierra y sus bienes (MINCI, 2012:23).

Quanto a exploração do capitalismo e a resistência, assim é descrito:

Marcos Pérez Jiménez impuso un régimen dictatorial al servicio del imperialismo estadounidense [...] Otra característica de ese período fue el alto desempleo y salarios muy bajos (MINCI, 2012:100-101). El pueblo había derrocado la dictadura para no sufrir más atropellos e injusticias. La gente no estaba dispuesta a seguir padeciendo una política económica que se traducía en pobreza y desempleo. Por ese motivo, la clase trabajadora continuó su lucha contra las políticas implementadas por Rómulo Betancourt (1959-1964) (MINCI, 2012:108).

Em virtude disso, se observa que a organização da resistência é mais uma faceta da solidariedade que é a marca identitária do povo e está presente tanto na colonização quanto no período da independência, no qual o capitalismo apresenta sua face marcada pela continuidade da exploração. Por outro lado, a narrativa não restringe a resistência apenas aos indígenas. Estes agora estão acompanhados por crioulos e negros.

Durante la primera mitad del siglo XVIII, la Compañía Guipuzcoana instaló una factoría en la región de Yaracuy, reforzando su dominación sobre el comerciante de cacao y arruinando así a los pequeños productores y comerciantes de la comarca. Varios de ellos se unieron entonces a la rebelión de negros, zambos e indios que a su vez tejían una alianza estratégica con los contrabandistas holandeses (MINCI, 2012:44).

De modo que, o elemento multiétnico - terceira categoria da narrativa - é incorporado à ideia de povo. Ora, o negro trazido à força

da África não é visto como um ente alheio ou estrangeiro (assim como o invasor espanhol), mas tão vítima quanto o indígena. Assim, se observa que a ideia de povo começa a se expandir para outros grupos (MINCI, 2012: 38); referindo-se ao caráter multiétnico do povo que está unido pela condição de explorado.

A narrativa chavista, honrosamente, destaca a imagem de Simón Bolívar, colocando-o no contexto das lutas pela independência. Também acentua a presença de outras lutas como a camponesa, liderada por Ezequiel Zamora em 1846 (MINCI, 2012: 81), e a das organizações sindicais dos anos 1940 (MINCI, 2012: 97). Percebe-se na temática das lutas que a narrativa aponta para uma quarta categoria, a racionalidade, que inclusive se manifesta quando se focaliza a competente estrutura da economia nativa, a organização das leis, a ordem social.

Além disso, os nativos são descritos sem traços de ingenuidade, uma vez que se dão conta da arrogância do mal que representava o invasor. Comenta-se que quando os nativos vivenciam a opressão, eles começam a refletir e isto os levanta em estado de guerra. Quanto a isso, NLI apresenta um fragmento significativo da história de 1568, quando as últimas palavras do cacique Guaicaipuro que organizou uma aliança estratégica com outros caciques da região, ele foi preso e preferiu a morte a ser feito escravo: “Ah, españoles cobardes... Yo soy Guaicaipuro a quien buscáis y quien nunca tuvo miedo de vuestra nación soberbia. Aquí me tienen, matadme, para que,

con mi muerte, os veáis libres del temor que siempre les causé (MINCI, 2012:33)”.

Por fim, chega-se ao ápice da narrativa, a Revolução Bolivariana, escrita em seis subtítulos, nos quais, se destaca a quinta categoria: o povo venezuelano é socialista. A introdução do capítulo em *La democracia participativa y protagónica* expressa magistralmente essa tipologia:

Esa larga lucha del pueblo venezolano por su emancipación, desde la resistencia indígena contra el invasor español hasta la rebelión popular de 1989, pasando las guerras de independencia, la resistencia a las dictaduras del siglo XX y el combate por el socialismo, tuvo su gran victoria el 06 de diciembre de 1998, cuando el candidato Hugo Rafael Chávez Frías fue electo Presidente de Venezuela con el 56,5% de los votos (MINCI, 2012:127).

E a narrativa se encerra em uma atmosfera de restauração cósmica, donde se afirma a superação do caos da exploração e o estabelecimento das conquistas populares, conforme exibem os subtítulos: *nace una nueva democracia; forma de organización del poder popular; construyendo el bienestar social; una revolución antiimperialista*.

4. DISCUSSÃO

Constrói-se em NLI uma narrativa baseada nos elementos cosmos e caos, típicos das estruturas do pensamento mítico. Está no texto que no começo era o cosmos (vida aborígene em meio à natureza idílica), depois veio o caos (chegada dos espanhóis e a constituição do

capitalismo exploratório mais tarde) e, finalmente, a reinstalação do cosmos (Revolução Bolivariana). Percebe-se também que a narrativa edifica algumas categorias para identificar e definir o que é o povo, que são: economia sustentável, racionalidade, multietnicidade e socialismo. De modo que os elementos do cosmos e do caos e as categorias projetadas pelo Chavismo serão analisadas concatenadamente.

Em NLI, o primeiro momento do mito (antes da devastação) projeta o imaginário de um tempo cósmico no qual a ordem imperava. *Cosmos* é o termo grego para designar o mundo; cosmogonia, por sua vez, a geração do mundo e a sua história (ELIADE, 1991). O cosmos possui uma territorialidade dada em uma cidade, ou em um jardim, em um espaço que remete as delícias da vida, um paraíso. Sobre isso, ELIADE (1981:27) oferece um exemplo:

Palestina, Jerusalén y el Templo de Jerusalén representan cada uno de ellos de por sí y simultáneamente la imagen del universo y el Centro del Mundo. Esta multiplicidad de «centros» y esta reiteración de la imagen del mundo a escalas cada vez más modestas constituyen una de las notas específicas de las sociedades tradicionales. Una conclusión nos parece que se impone: el hombre de las sociedades premodernas aspira a vivir lo más cerca posible del Centro del Mundo.

De acordo com a citação, infere-se que as narrativas antigas de origem têm o etnocentrismo como elemento basilar. Consequentemente, para qualquer agrupamento humano as suas narrativas cósmicas possuem primazia sobre as demais narrativas. Esse

movimento de arrogância identitária superestima o que é peculiar a uma cultura em detrimento da outra. NLI não se distancia da conjuntura da antiguidade, pois, a reproduz, uma vez que adota o etnocêntrico quando sobrevaloriza o que é inerente ao mundo venezuelano antes da chegada dos espanhóis. Ademais, reforça-se a ideia de oposição ao eurocentrismo quando este situa Jerusalém e a estrutura greco-romana como epicentro epistemológico da construção da realidade (CASTRO-GÓMEZ, 2008). Em virtude disso, a narrativa chavista em NLI é um enfrentamento radical da primazia europeia sobre a cultura aborígene.

Na ordem cósmica desenhada em NLI se encontra a primeira categoria identitária do povo venezuelano, este é regido por uma economia sustentável, marcada pelo trabalho coletivo e em conexão com a natureza. Nessa conjuntura se avulta uma diferença substancial entre o mito judaico (basilar da cultura eurocêntrica) e o chavista. Naquele o homem é um ser passivo, reservado a cuidar do paraíso – conforme está em Gênesis 1 (NUEVA BIBLIA, 1998). Sem embargo, o texto não diz como ele cuidava. A palavra trabalho aparece na narração de maneira pejorativa, como sinônimo de castigo imputado por Deus ao homem soberbo e desobediente.

O contrário acontece no mito chavista, neste o homem é um ser ativo desde o princípio, visto que se mantém por meio de uma economia sustentável. Em vários momentos, os primeiros habitantes aparecem como exímios operários, fazedores do seu próprio sustento, enquanto que em Gênesis, o casal original só começa a se preocupar

com a temática, no instante após a expulsão do paraíso. De modo que o homem na narrativa judaica era mantido pelo paraíso feito por Deus. Por outro lado, desde o seu início, o mito chavista reforça a ideia de que o povo é trabalhador, consciente e inteligente – posto que planeja e estrutura o seu mundo de acordo com um projeto de economia sustentável. É o que se nota quando o texto aborda a simbiose do povo com a terra e o modo com que regula conscientemente o uso da terra, das edificações, dos instrumentos de trabalho (MINCI, 2012:11-13).

De outra feita, ao narrar a harmonia cósmica entre os aborígenes em oposição ao caos que os espanhóis trouxeram, a narrativa torna invisível as disputas que marcaram as relações entre os ameríndios. Antes dos colonizadores, a cultura *Wayuu* da Guajira colombo-venezuelana já conhecia as lutas entre grupos, tais como: o assassinato e a ofensa que exigia ser reparada (HOSTEIN, 2010). De modo que se vislumbra o que BARTHES (1999) anuncia em seu estudo sobre o processo de obscurecimento que o narrador mítico promove quando quer encobrir algo que foge as perspectivas do seu ideal.

Ora, dentro da plataforma de Chávez os povos indígenas receberam atenção especial. Apesar de a população indígena estar contada em 2,8%, a ameríndia corresponde a 23 e 25% do total da população, sem dúvida a porcentagem é expressiva. Com esse cenário, a constituição de 1999, dada na era Chávez, visibiliza a questão indígena, localizando as comunidades nativas com as suas peculiaridades dentro do cenário de cidadania venezuelana. Este foi um marco no governo chavista e isto indiretamente é rememorado em NLI

ao estabelecer conexão com o passado que é plasmado de maneira idílica. Todavia, com os aportes constitucionais não se cessaram os problemas dos indígenas que enfrentam conflitos por titulação de terras e com as forças armadas e pela carência de apoio político que, por essa feita, “*hacen perder de vista los problemas conceptuales que subyacen al reconocimiento y la construcción de ciudadanía (ORELANO, 2016 p. 1)*”. Em suma, ao idealizar os pré-colombianos e ao valorizar a presença indígena hoje, o chavismo se refugia no utópico, no mundo maravilhoso da resistência, da força, da coragem. Restringindo os problemas ao caos da invasão espanhola e a intervenção capitalista e afirmando que, como se notará na última parte da narrativa, a Revolução Bolivariana solucionou os problemas sociais estabelecendo o cosmos outrora destruído obscurecendo, destarte, os problemas conforme apontados por Orelano (2016).

Seguindo o critério da economia sustentável está o da racionalidade.

O problema da razão e o seu conteúdo, inclusive como lidar com ela, atravessa a história da Filosofia. Etimologicamente *razão* remete ao ato de medir, pesar, calcular. Com o Iluminismo, ela passou a ser a condição, pela qual, a verdade e a maturidade humana se manifestam. Com o Positivismo, se estendeu a crença na razão que averigua as circunstâncias sociais (reais) e não especulativas. Entretanto, no século XX esse cenário se modifica. Ora, tudo o que era fator de crédito e que tinha alguma relação com a temática iniciada pelo Iluminismo sobre a razão se fragmentou; é o caso da ideia de

sujeito, da ciência, dos ideais políticos. Isso se evidencia pelos feitos: a fragilidade do sujeito frente às ideologias, a debilidade da ciência que muito prometia e pouco se fazia presente na vida da maioria das pessoas desafortunadas, pelo caos político entre o capitalismo e o comunismo - com a problemática da Guerra Fria (CHAUI, 2000). Esse cenário é percebido pelo pós-colonialismo e decolonialismo que começam a produzir críticas sobre a pretensa onipotência da racionalidade europeia.

Antes desta mudança, a Europa elaborava um discurso de superioridade em relação aos demais povos que, segundo qual, os de condição subalterna não possuíam os critérios naturais para desenvolver reflexão crítica e complexa sobre a realidade. De modo que, os indígenas eram tidos como alheios às conquistas da modernidade já que a sua "ingenuidade" não os capacitava a ter a autonomia que a modernidade exigia segundo os critérios eurocêntricos do Iluminismo (LANDER, 2009). Esta "ausência de racionalidade" era um dos elementos pelos quais os colonizadores se atreveram criar um "pátrio poder" sobre a direção da vida aborígene e a narrativa de NLI, por sua vez, se contrapõe a esse posicionamento. Primeiro, mostrando a gestão da economia marcada por uma pedagogia tradicional advinda do ouvir e aprender com os antigos. Ao tratar sobre a continuidade entre o ontem e o hoje, essa pedagogia permite ações econômicas, conforme MELIÁ (1999:12) expõe:

Os povos indígenas sustentaram sua alteridade graças a estratégias próprias, das quais uma foi precisamente a ação pedagógica. Em outros termos, continua havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas.

Segundo, apresentando que a "ingenuidade" do habitante original era, na verdade, bondade e acolhida. Uma vez que o nativo se dá conta do abuso e da maldade do visitante, este passou a ser tido por invasor e contra ele foram organizadas guerras por coletividades étnicas distintas. Terceiro, que o povo (já em condição multiétnica) é consciente do processo de exploração ao longo do tempo e contra ele se levanta.

Ao nosso ver, o que se faz na narrativa é construir a ideia de que o povo possui uma racionalidade distinta da racionalidade mercantilista que designava o europeu. Edificando, desta feita, uma racionalidade baseada em saberes locais, encarnada na resolução de seus problemas, assinaladas pela solidariedade coletiva e em conexão com a natureza. Os europeus, por sua vez, desenvolveram uma racionalidade economicista baseada no direito privado (conforme se observa em Jhon Locke), pela qual se impôs na América Latina a ideia de que era direito dos colonizadores apoderarem-se das "terras vazias" visto que eles eram indivíduos e, portanto, possuidores de direitos (LANDER, 2009). E a ideia de detentores de direitos passa pelo crivo da racionalidade; esta era pensada como atributo inerente somente dos brancos – nítido processo etnocêntrico com vista a manter e expandir o imperialismo

que estava se desenvolvendo. Esta racionalidade etnocêntrica, fruto da modernidade, é uma razão violenta que age hegemonicamente e menospreza o estrangeiro (DUSSEL, 2009) e, por isso, fere as peculiares racionalidades fora do círculo europeu. Desse modo, as racionalidades não-europeias eram tidas como partícipes de uma modernidade periférica (LANDER, 2009).

Assim, a racionalidade europeia se projetou por conta própria como racionalidade universal. É o que conclui DUSSEL (2009:66):

[...] el etnocentrismo europeo es el único que puede pretender identificarse con la "universalidad mundialidad". El etnocentrismo de la modernidad es exactamente el haber confundido la universalidad abstracta con la mundialidad concreta hegemonizada por Europa como "centro".

Pois bem, toda a trama cósmica do mito chavista é focada na Venezuela, combatendo o etnocentrismo universal pretendido pelos europeus, e se deslocando para o velho paradigma etnocêntrico já tão conhecido pelos mais diversos povos ao longo da história.

O segundo momento de NLI, a invasão espanhola, remete ao início do caos. Isto porque a narrativa se estabelece sobre o princípio do desacordo, da ofensa, da maldade, da usura, da ruptura com as antigas relações sociais. A análise de ELIADE (1991:19) sobre o assunto é iluminadora:

Si es verdad que «nuestro mundo» es un Cosmos, todo ataque exterior amenaza con transformarlo en «Caos». Y puesto que

«nuestro mundo» se ha fundado a imitación de la obra ejemplar de los dioses, la cosmogonía, los adversarios que lo atacan se asimilan a los enemigos de los dioses, a los demonios y sobre todo al archi-demonio, al Dragón primordial vencido por los dioses al comienzo de los tiempos. El ataque contra «nuestro mundo» es la revancha del Dragón mítico que se rebela contra la obra de los dioses, el Cosmos, y trata de reducirla a la nada. Los enemigos se alinean entre las potencias del Caos. Toda destrucción de una ciudad equivale a una regresión al Caos. Toda victoria contra el atacante reitera la victoria ejemplar del dios contra el Dragón (contra el «Caos»).

O mundo cósmico foi forçado a dar lugar ao caótico, segundo o mito chavista, e lutar contra a desordem é restabelecer o velho paradigma perdido. Na arte retórica, quando o enunciador quer induzir o auditório a permanecer fixo em um determinado ponto que será vantajoso para a realização do seu processo de convencimento, ele repete *ad nauseam* o que pretende inculcar (PERELMAN, 2015). Assim, observa-se da página 17 a 123 de maneira exaustiva a repetição dos malefícios empregados pelo explorador para com o povo.

Não obstante, o espanhol ter semeado gerações em terras venezuelanas, inclusive nomeando o país, a narrativa de NLI não o apresenta como participante do povo. E essa negação faz parte de um redirecionamento na construção da identidade nacional começada no século XIX e continuada por Chávez. Sobre construção da identidade nacional no referido século, PUENTES (2004) reflete que, para ela se desenvolver, os seus idealizadores exaltavam determinadas histórias e símbolos nacionais e ocultavam outros. E esta lógica está presente na narrativa chavista de NLI quando o indígena é destacado enquanto

símbolo nacional em detrimento ao espanhol. E esse recorte ideológico continuará em todo o processo de construção da identidade do povo venezuelano presente na narrativa de NLI.

Enfim, a ideia de povo não é estática e não se restringe as populações aborígenes. Isto se observa quando é incluído no texto a categoria multiétnica a partir da página 43, na qual, os negros e os crioulos são nomeados como participantes do povo. A inclusão de determinados grupos e a exclusão de outros pode evocar a ideia de populismo e existem pesquisas neste sentido; é o caso de TORRE (2009: 25) que, ao abordar o assunto na América Latina, assim se posiciona: “Los liderazgos de Chávez, Correa y Morales son populistas porque utilizan retóricas que dividen a la sociedad en los campos antagónicos y porque prometen formas de democracia directa y sin intermediarios como alternativas a las democracias liberales representativas”. Esta interpretação é questionável sob o ponto de vista histórico, já que a separação da sociedade em grupos antagônicos é muito anterior a esses governos, conforme demonstra a investigação de CASTRO-GÓMEZ (2008:83):

Los cuadros de castas representan el complejo proceso de mestizaje que se está llevando a cabo en toda la América hispana durante el siglo XVIII. Se trataba de un conjunto de escenas -por lo general 16 cuadros- en las que se mostraban los diferentes tipos de mezclas racial, designando a cada una con un nombre, una actividad y una posición taxonómica: al comienzo aparecía una representación del modelo de " en el orden descendente, conforme al alejamiento relativo del modelo étnico original, representadas todas las castas.

Como se nota, a elite espanhola já havia dividido a sociedade latino-americana em grupos antagônicos e o que o chavismo fez foi somente reproduzir o modelo herdado dos espanhóis. Isto se observa em NLI quando, na narrativa, as “castas” são unificadas sob a ordem de livrar-se da pobreza e da exploração. De todo modo, tanto o modelo colonial quanto o chavista são excludentes, pois anulam ou menosprezam o valor da presença daquele que não está em determinada esfera social (temática própria da luta de classes). Como sinaliza AGAMBEN (2014), esse processo forma parte da fratura biopolítica sobre o entendimento de povo e que se arrasta ao longo da história.

Em NLI o espanhol é o invasor, não está na esfera do povo, é o anti-povo venezuelano. O negro (que vem de fora) é tido como membro do povo porque é um explorado e isso o une com o indígena.

A última categoria presente em NLI é a do socialismo e está relacionada com o retorno ao cosmos. Na produção mítica a primeira manifestação fenomênica é a que importa e, por conseguinte, tem significado em validez. Deste modo,

El tiempo transcurrido entre el *origen* y el momento presente no es «fuerte» ni «significativo» (salvo, bien entendido, los intervalos en que se reactualizaba el tiempo primordial), y por esta razón se le menosprecia o se le trata de abolir (ELIADE, 1991:18).

Apesar de NLI destinar a maior parte das páginas ao relato do caos, observa-se que ele não é imprescindível. Essencial é o momento primeiro, o antes da chegada dos espanhóis em que a coexistência entre os habitantes era harmoniosa e, ao final, a entronização do socialismo nada mais é do que o retorno e a continuidade daquele princípio idílico. Todo o tempo usado para relatar o sofrimento e a maldade no período caótico é, em suma, o uso do recurso retórico da repetição com vista a gerar pavor e horror no leitor ou ouvinte e convence-lo do quão benéfico é viver sem exploração. De modo que a vitória sobre o inimigo é marco para o retorno ao estágio benfazejo inicial (ELIADE, 1991).

A categoria socialismo é precedida pelo elemento da solidariedade durante toda a narrativa e que funciona como o precursor e o propulsor do socialismo.

O tema da solidariedade é intencional já que remete aos feitos de Hugo Chávez em 2005, quando criou no plano da geopolítica internacional uma cooperação econômica de solidariedade a países centro-americanos e caribenhos; política firmada nos pontos econômicos e humanitários, conforme expõe BENZI y ZAPATA (2013:73):

Chávez justifica los acuerdos de cooperación firmados basándose en principios de solidaridad internacional. En resumidas cuentas, como ya se ha mencionado, las políticas de integración y cooperación Sur-Sur venezolanas buscan tanto la diversificación-expansión económica del país y la defensa del

proyecto bolivariano frente a los persistentes esfuerzos de los Estados Unidos para aislar y desestabilizar al gobierno de Chávez, así como el compromiso ideológico de solidaridad y autodeterminación de los pueblos de matriz tercermundista.

Por isso da afirmação de que a presença da solidariedade na narrativa é intencional, entendemos que ela representa o ideário para a construção da identidade nacional que é caracterizado pela solidariedade e pela solução dos problemas que afligem a vida.

Faz parte da constituição mítica dos povos afirmar a coragem, a ordem e a solidariedade como parte inerente a sua cosmologia. No Brasil há, por exemplo, o mito de que o povo brasileiro é solidário (HASENBALG, 1996). Semembargo, as investigações sociológicas apontam que a desigualdade social é algo presente porque as pessoas não se interessam por engajarem-se em ações que impactem mudanças sócio-políticas e, portanto, econômicas (SOUZA, 2009). Com a Venezuela não é diferente, em NLI o discurso traz várias situações de lutas nas quais a solidariedade é exposta como se fosse uma realidade presente e corriqueira na vida do povo venezuelano. Por outro lado, o Índice Global de Solidariedade - Caf WordGiving Index (2012) - apresenta o Brasil e a Venezuelanas respectivas posições: 83° e 113°. Isto é, um ano antes da morte de Hugo Chávez; realidade muito distante da glorificada perspectiva mítica.

Por outra parte, a narrativa chavista edifica um ideal de povo marcado por um socialismo que muito se aproxima da narrativa mítica do comunismo, conforme se verifica em CASTORIADIS (1975). Para

este autor, o comunismo se constitui em um mito visto que vislumbra utopicamente eliminar as classes e a divisão do trabalho social. Ademais, o ideal comunista prevê uma sociedade transparente e, segundo CASTORIADIS (1975), isso não é possível porque, tanto o indivíduo quanto as pessoas, em suas relações sociais, não conseguem manter a transparência integralmente. De modo que, a partir do olhar de Castoriadis se percebe o outro dado invisibilizado pelo chavismo, a singularidade das pessoas que jamais atuarão de maneira linear a ponto de escarpar-se do binômio explorador e explorado. Contudo, a narrativa chavista aposta na consciência do explorado. Entretanto, nem todo explorado se interessa pelo assunto; de modo que o tema da servidão voluntária de BOÉTIE (1987) serviria de contraponto para um diálogo, para além da perspectiva mítica.

Outro ponto que merece destaque é a palavra revolução—tão usada na narrativa chavista — que remete a uma transformação profunda e radical em alguma área de conhecimento (política, economia, cultura); no caso específico do chavismo o termo se confina apolítica. Segundo TROTSKY (2008) a revolução política ocorre quando um governo é substituído por outro de forma abrupta; de modo que o autor cita as revoluções de França (1830/1848) para exemplificar sua teoria. A trajetória de Chávez e do chavismo, por outro lado, não se circunscreve sob a prisma do abrupto, uma vez que a ascensão ao poder se deu democraticamente e pelo voto popular marcado pelo ritual constitucional. Ademais, o pleito eleitoral do período chavista não permite falar em uma maioria da população afinada com os ideais da “revolução”. Recordando que o voto na Venezuela não é

obrigatório. Nas eleições presidenciais de 1998 Chávez obteve 56,2% e, em 2000, 59% dos votos. Em 1999 o chavismo obteve seu maior êxito, 87,75% para a convocatória da Assembleia Constituinte e para as eleições dos representantes constitucionais os chavistas conseguiram 91% dos 131 lugares. De 2004 a 2005 a participação popular nos processos eletivos declinou (LAZO-CIVIDANES, 2006). O jogo de alta e baixa nas eleições continuou nos anos seguintes; em 2010, por exemplo, Chávez ganha, mas não consegue obter a maioria no parlamento e necessita negociar com a oposição (MAYA, 2010). Ora, pertence aos atributos dos governos de Estado fazer reformas, inclusive as constituições acenam para as modificações que, por sua vez, são atos inerentes a responsabilidade e a inovação da administração pública (GARCÍA, 2009). É devido a este argumento e ao cenário dos altos e baixos nas eleições da Venezuela que se pode afirmar que a trajetória do chavismo não é de natureza revolucionária, mas reformatória. Neste sentido, o conceito reforma foi obscurecido em favor da palavra revolução.

5. CONCLUSÃO

A narrativa chavista sobre o povo venezuelano é um enfrentamento a visão eurocêntrica que define a realidade pela centralidade de suas narrativas míticas, filosóficas e científicas. Deste modo, se nota em NLI a recuperação da velha noção do etnocentrismo local em detrimento ao etnocentrismo mundial, este formulado como instrumento para manobra ideológica. Isso favorece o debate sobre a

formação da identidade nacional sob outra ótica que também não está alheia a controle das ideias, visto que o mito é construído com doses de obscurecimento de pontos que estão em desacordo com a visão do narrador.

"Los mitos de origen prolongan y completan el mito cosmogónico: cómo el mundo há sido modificado, enriquecido el empobrecido (ELIADE, 1991:13)"; se encontra em NLI esse movimento: mostra a origem do povo venezuelano, as modificações perpetradas pela caótica incursão dos exploradores e, por fim, a restauração que se dá com a Revolução Bolivariana na qual a justiça e a paz são instaladas.

Com efeito, as características que personificam a identidade do venezuelano são edificadas debaixo do protótipo baseado na sustentabilidade econômica, racionalidade estratégica, multietnicidade e socialismo. Esse modelo é pertinente as propostas de lutas levantadas por agendas contrárias ao imperialismo neoliberal no século XXI (MAYA, 2010).

Por outra parte, o mito invisibiliza pontos que não são do interesse do narrador, e isso ocorre porque o narrador busca construir idealmente uma concepção de mundo e de povo. Resultando que não está no enredo de NLI as contendas internas dos ameríndios antes da chegada dos espanhóis, a ponto de levar o leitor a imaginar que a harmonia reinava na vida de outrora. Assim como as atuais disputas por terra travadas pelos indígenas. Ademais, a narrativa obscurece a

ausência de solidariedade entre os venezuelanos ao apresentar a união e a ajuda mútua entre os explorados como se fosse um fato corriqueiro. Também oculta as individualidades, interesses e vontades das pessoas ao plasmar o povo como um ente com vontade e consciência coletivas postas exclusivamente contra o poder do opressor. Inclusive a palavra revolução é usada poeticamente, uma vez que, no mito se obscurece o termo reforma de Estado que, de fato, é o que define as ações do governo de Hugo Chávez.

Em suma, não se pode negar a importância do mito para a edificação de identidades nacionais. É um instrumento apropriado e manipulado por quem estiver no poder, visando gerar protótipos para conduzir o povo com o qual tem que lidar.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. 2014. **Meios sem fim: notas sobre a política**. Autentica, São Paulo (Brasil).
- ALARCÓN PUENTES, Johnny. 2004. “Desnundando el lio de la identidad nacional en Venezuela”. **Gazeta de Antropologia**. Vol. 2004, No. 20:1-6. Universidad de Granada. Granada (España). Disponível em: http://www.ugr.es/~pwlac/G20_18Johnny_Alarcon_Puentes.pdf. Consultado em 17.04.2018.
- AGENCIA IPS. 2018. “El peligro de líderes populistas”. **El Comércio**. Disponível em: <http://www.elcomercio.com/opinion/columna-agenciaips-peligro-populismo-opinion.html>. Consultado em: 11.04.2018.
- BARDIN, L. 2011. **Análise de conteúdo**. Edições 70, São Paulo (Brasil).

- BARTHES, Roland. 1999. **Mitologias**. Siglo XXI editores, México (México).
- BATISTOTE, Maria Luceli; SILVA, Ana Livia Tavares da. 2014. “Narrativa mítica do sujeito pantaneiro: uma leitura semiótica”. **Acta Seniótica et lingvistica**. Vol. 19, No. 2: 72-82. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/article/view/23454>. Universidade Federal da Paraíba. Paraíba (Brasil). Consultado em 10.04.2018.
- BENZI, Daniee; ZAPATA, Ximene. 2013. “Geopolítica, economía e solidaridad internacional en la nueva cooperación Sur-Sur: el caso de la Venezuela Bolivariana y Petrocaribe”. **América latina Hoy**. Vol. 2013, No. 63: 65-89. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/308/30826986004/>. Universidad de salamanca. Salamanca (Espanha). Consultado em: 25.04.2018.
- BEVERLEY, Jhon. 2010. “Subalternidad/modernidad/multiculturalismo”. **IC - Revista Científica de Información y Comunicación**. 2010, No. 7: 21-34. Universidad de Sevilla. Sevilha (Espanha). Disponível em: https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/18300/file_1.pdf;sequence=1 Consultado em 26.04.2018.
- BOÉTIE, Ettiénne de la. 1987. **Discurso Sobre a Servidão Voluntária**. Escuta, São Paulo (Brasil).
- BOURDIEU Pierre. 1989. **O poder simbólico**. Bertrand do Brasil, Rio de Janeiro (Brasil).
- CAF WORDGIVING INDEX 2012. **A global view of giving trends**. Disponível em: <https://www.cafonline.org/docs/default-source/about-us-publications/worldgivingindex2012web.pdf> . Consultado em: 03.05.2018.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. 2008. **La hibris del punto cero**. El Perro y la Rana, Caracas (Venezuela).
- DUSSEL, Enrique. 2009. Europa, modernidad y eurocentrismo. LANDER, Edgardo. **Colonialidad del saber**. El Perro y la Rana, Caracas (Venezuela).

- CHAUI, Marilena. 2000. **Convite à Filosofia**. Ática, São Paulo (Brasil).
- ELIADE, Mircea. 1981. **El sagrado y el profano**. Guadarrana/Punto Omega, Barcelona (España).
- ELIADE, Mircea. 1991. **Mito y realidad**. Editorial Labor, Barcelona (España).
- FREUD, S. 1992. **Más Allá del Principio del Principio del Placer**. Amorrortu, Buenos Aires (Argentina).
- GARCIA, Enrique Rabell. 2009. Reforma de Estado y reforma constitucional. *Boletín Mexicano de Derecho Constitucional*. Vol. 42, No. 126: 1429-1461. Universidade Nacional Autónoma do México. Cidade do México (México). Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0041-86332009000300008 Consultado em: 29.05.2018.
- GROSFUGUEL, Ramón. 2007. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo**. Siglo del Hombre Editores, Bogotá (Colombia)
- HASENBALG, Carlos. 1996. “Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil”. MAIO, Marcos; SANTOS, Ricardo (coords.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro (Brasil).
- HINKELAMMERT, Franz. 1991. J. **Sacrificios humanos y sociedad occidental: Lúifer y la bestia**. DEI, San José (Costa Rica).
- HINKELAMMERT, Franz. 2008. **Hacia una crítica de la razón mítica**. El Perro y la Rana, Caracas (Venezuela).
- HOSTEIN, Nelly. 2010. “El pueblo wayuu de la Guajira colombo-venezolana: un panorama de su cultura”. *Cuadernos de Antropología*. No. 20. Universidad de Costa Rica. São José (Costa Rica). Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/antropologia/articulo/view/2006/1973> Consultado em: 02.04.2018.
- LANDER, Edgardo. 2009. **Colonialidad del saber**. El Perro y la Rana, Caracas (Venezuela).

- LAZO-CIVIDANES, Jorge. 2006. Elecciones presidenciales en Venezuela: ¿el fin de la Era Chávez? **Observatoire des Ameriques**. 2006, No. 39: 1-11. Disponível em: http://www.ieim.uqam.ca/IMG/pdf/chro_Lazo_06_39.pdf Consultado em 29.05. 2018.
- LEAL, Ondina Facel. 2012. “Identidade cultural e identidade de gênero em uma narrativa mítica: quando ser gaúcho é ser homem”. **Revista de Ciências Sociais**, Vol. 43, No. 1: 43-49. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza (Brasil). Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/419> . Consultado em: 09.04.2018.
- MAQUIAVEL, Nicolau. 1992. **O príncipe**. Moraes, São Paulo (Brasil).
- MANRIQUE, Luis Esteban. 2005. “El ‘etnonacionalismo’: las nuevas tensiones interétnicas en América Latina”. **Real Instituto Elcano de Estudios Internacionales y Estratégicos**. Madrid (Espanha). Disponível em: <http://biblioteca.ribei.org/780/>. Consultado em: 11.04.2018.
- MAYA, Margarita López. 2010. Venezuela: once años de gestión de Hugo Chávez Frías y sus fuerzas bolivarianas (1999-2010). **Temas y Debates**. Vol. 14, No. 20: 197-226. Universidad Central da Venezuela. Caracas (Venezuela). Disponível em: http://www.liderazgos-sxxi.com.ar/bibliografia/Lopez_Maya.pdf. Consultado em: 29.05.2018.
- MINISTÉRIO DEL PODER POPULAR PARA LA COMUNICACIÓN Y LA INFORMACIÓN. 2012. **Nuestra Lucha por la Independencia**. MINC, Caracas (Venezuela).
- MELIÁ, Bartolomeu. 1999. “Educação indígena na escola”. **Cadernos Cedex**, Vol. 19, No. 49: 11-17. Universidade Estadual de Campinas. Campinas (Brasil). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621999000200002&script=sci_abstract&tlng=pt Consultado em 11.04.2018.
- MONFARDINI, Adriana. 2005. O mito e a literatura. **Terra Roxa e Outras Terras**. Vol. 5, 2005: 50-61. Universidade Estadual de

- Londrina. Londrina (Brasil). Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terroroxa/index.php?option=com_content&task=view&id=17&Itemid=33. Consultado em: 01.05.2018 .
- NUEVA BIBLIA DE JERUSALÉN. 1998. Edición Manual y de Bolaillo. Desclée de Brouwer, Bilbao (España).
- ORELANO, Jorge. 2016. Derechos de los pueblos indígenas en Venezuela y el problema del reconocimiento. **Anthropologica**. Vol. 34, No. 36: 113-148. Pontificia Universidade católica do Peru. Lima (Peru). Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/886/88646644006.pdf> Consultado em 14.05.2018.
- PERELMAN, C.; OLBRECHETS-TYTECA, L. 2015. **Tratado de la Argumentación – la nueva retórica**. Gredos, Madrid (España).
- PÉREZ, Jesus Arnaldo. 2007. “La Revolución Bolivariana: la via venezolana hacia el desarrollo sustentable”. **Centro de Estudios Sudamericanos**. Universidad de La Plata. Buenos Aires (Argentina). Disponível em: http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/37237/Documento_completo.pdf?sequence=1. Consultado em: 03.04.2018.
- SOUZA, Jessé. 2009. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Editora UFMG, Belo Horizonte (Brasil).
- QUINTERO, Pablo. 2009. La colonialidad del poder y el mito de la democracia radical em Venezuela. ALAYA, Mario; QUINTERO, Pablo. **Diez de revolución em Venezuela: historia, balance y perspectivas (1999-2009)**. Maipue, Buenos Aires (Argentina).
- RIBEIRO, Darcy. 1995. **O povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. Companhia das Letras, São Paulo (Brasil).
- TORRES, Carlos de la. 2009. “Populismo Radical y democracia em los Andes”. **Journal of Democracy**. Vol 1. Julho 2009: 24-37. FLACSO. Quito (Ecuador). Disponível em: http://www.flacsoandes.edu.ec/sites/default/files/agora/files/1260303400.populismo_radical_y_democracia_en_los_andes_0.pdf. Consultado em: 29.04.2018.
- TROTSKY, Leo. 2008. **A revolução traída**. Centauro, São Paulo (Brasil).



**UNIVERSIDAD
DEL ZULIA**

opción

Revista de Ciencias Humanas y Sociales

Año 34, N° 87, 2018

Esta revista fue editada en formato digital por el personal de la Oficina de Publicaciones Científicas de la Facultad Experimental de Ciencias, Universidad del Zulia.
Maracaibo - Venezuela

www.luz.edu.ve

www.serbi.luz.edu.ve

produccioncientifica.luz.edu.ve